

Contribuições Africanas para a Pedagogia do Jornalismo: As Experiências de Angola e Moçambique¹

Edwin dos Santos CARVALHO²

Resumo

O artigo aborda resultados de tese de Doutorado que apresenta potenciais contribuições africanas para a Pedagogia do Jornalismo, por meio da caracterização e da análise das estruturas curriculares, práticas pedagógicas e matrizes teóricas que sustentam a formação acadêmica dos jornalistas em Angola e Moçambique. O estudo de casos múltiplos, realizado ao longo do ano de 2018 em seis Instituições de Ensino Superior dos dois maiores países de expressão portuguesa na África, identificou algumas características específicas dos modelos de ensino adotados pelos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) tais como disciplinas, bibliografias e práticas docentes não convencionais em cursos de graduação que podem contribuir para a formação dos jornalistas brasileiros.

Palavras-chave: Pedagogia do Jornalismo; África; Angola; Moçambique.

Introdução

Nas universidades brasileiras, a matriz teórico-conceitual que fundamenta a formação acadêmica dos jornalistas geralmente é composta por três correntes: a pragmática estadunidense, a corrente crítica europeia e o pensamento comunicacional latino-americano, que tem como um dos seus maiores expoentes o professor José Marques de Melo (1943-2018). Quase tudo que conhecemos sobre Jornalismo, das teorias às técnicas, portanto, nos foi apresentado a partir de perspectivas ocidentais de teóricos e profissionais principalmente dos Estados Unidos e da Europa.

A falta de informações sobre outros contextos de produção de conhecimento nas áreas da Comunicação e do Jornalismo, além daqueles que exaustivamente nos foram apresentados tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação, serviu de incentivo para a realização de um estudo sobre o ensino do Jornalismo em Países

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Jornalismo e professor do curso de Jornalismo da UFCA, e-mail: edwin.carvalho@ufca.edu.br

Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), cujos resultados serão abordados neste artigo.

Renegados à condição de periferia acadêmica, os PALOP raramente são objeto de estudo dos pesquisadores brasileiros da área da Comunicação. Especificamente em relação ao campo de estudos da mídia, os modos como o jornalismo é exercido e ensinado na África de expressão portuguesa costumam passar à margem da formação dos nossos jornalistas que ignoram, por exemplo, a influência que as emissoras de televisão brasileiras (Globo e Record) exercem em países como Angola, Moçambique e Cabo Verde, aonde veiculam programação diária.

Em busca de outros métodos de ensino, práticas pedagógicas, abordagens e referenciais teóricos na área do Jornalismo este pesquisador desembarcou no continente africano em 2018. A pesquisa, realizada em seis Instituições de Ensino Superior de Angola e Moçambique, identificou as potenciais contribuições dos dois maiores países de expressão portuguesa na África para a Pedagogia do Jornalismo. Os dados obtidos são resultado de tese de Doutorado defendida no final de 2022 pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Antes de avançar no artigo é importante pontuar a visão de pedagogia que este estudo acolhe: este pesquisador compartilha da mesma concepção de pedagogia do jornalista moçambicano Calane da Silva, Doutor em Linguística Portuguesa pela Universidade de Porto. Para ele, a pedagogia, “sendo fundamentalmente educação, portanto um aspecto mais abrangente do que apenas instruir, apresenta-se simultaneamente como uma filosofia, uma ciência, uma arte e uma técnica de educação” (SILVA, 2013, p. 13-14).

Neste sentido, a pesquisa foi conduzida a partir de dois horizontes: o currículo prescrito, que é aquele presente nos Projetos Pedagógicos de Curso, e o currículo em ação, que é perceptível a partir da observação das práticas pedagógicas e das rotinas em cada ambiente acadêmico. Durante dois meses em cada país foi possível acompanhar as rotinas acadêmicas em seis instituições que oferecem cursos regulares na área do Jornalismo: Universidade Agostinho Neto (UAN), Universidade Privada de Angola (UPRA) e Instituto Superior Técnico de Angola (ISTA), em Luanda,

Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Universidade Pedagógica (UP) e Escola Superior de Jornalismo (ESC), em Maputo. O levantamento empírico ocorreu entre os meses de março e julho de 2018, período em que foi possível verificar as condições de produção do conhecimento nos cursos de Jornalismo, desde a estrutura física de cada escola até aspectos relacionados à área pedagógica. Uma nova visita foi realizada em Moçambique entre os meses de novembro e dezembro para concluir a parte empírica da pesquisa.

Em cada curso de graduação foram caracterizadas e analisadas as estruturas curriculares, práticas pedagógicas e matrizes teóricas que sustentam a formação acadêmica dos jornalistas da instituição analisada. Na fase empírica do estudo foram coletadas as informações contidas nos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC), além dos relatos de professores, alunos e coordenadores de cada instituição. O aporte metodológico utilizado foi o estudo de casos múltiplos, com observação das práticas pedagógicas, aplicação de questionários com os estudantes e realização de entrevistas em profundidade com os docentes.

Durante o período de execução da parte empírica do estudo também foram realizadas entrevistas com jornalistas e visitas aos principais veículos de comunicação de cada país, de modo a contextualizar as relações entre as escolas de Jornalismo e outros atores que atuam no campo jornalístico dos PALOP. Ao final da pesquisa foi possível caracterizar os modelos de formação de jornalistas adotados em Angola e Moçambique bem como identificar aspectos singulares de cada proposta formativa e suas potenciais contribuições para a Pedagogia do Jornalismo.

A seleção das instituições buscou contemplar uma amostragem representativa do panorama do ensino de Jornalismo nos dois PALOP. Para isto foram estabelecidos alguns critérios de escolha: as que ofereciam o curso há mais tempo, as que possuíam maior número de alunos matriculados e aquelas apontadas pelos jornalistas entrevistados como instituições de referência. Outro fator fundamental foi o aceite das instituições para que a pesquisa de campo pudesse ser realizada em suas instalações.

Constatações empíricas

Em 2022, Angola e Moçambique celebraram sessenta anos de implantação do ensino superior. Os cursos de graduação nas antigas colônias portuguesas na África começaram a ser ofertados em 1962, a partir do decreto que regulamentava a criação dos Estudos Gerais Universitários nas províncias ultramarinas. A universidade chegava não para servir à formação dos cidadãos africanos, mas aos interesses da metrópole, negando aos povos colonizados o acesso a uma educação emancipadora. O escritor moçambicano Lourenço do Rosário (2014, p. 48) pontua que aquele espaço universitário “era naturalmente aliado ao processo de dominação montado pelo sistema colonial no seu todo [...] o saber que era produzido servia essencialmente para refinar a justificação da manutenção do sistema colonial”.

Passadas seis décadas desde a criação da universidade, Angola e Moçambique se vêem diante do desafio de fortalecer e consolidar a formação acadêmica em diversas áreas, entre elas a Comunicação Social e o Jornalismo. Nos dois países, há cursos profissionalizantes de Jornalismo, de nível médio, que foram criados muito antes da oferta de cursos universitários, além dos centros de formação profissional, que oferecem capacitações mais curtas e técnicas, voltadas para o atendimento das demandas de mercado e que por isso muitas vezes acabam sendo mais atrativas para os jovens que as licenciaturas em Comunicação Social e Jornalismo.

Até o início dos anos 2000 praticamente não havia formação universitária em Jornalismo em Angola e Moçambique. O primeiro curso de graduação na área foi criado em 1997, na Universidade Politécnica de Moçambique, mas somente nos anos 2000 surgiram todos os outros. Os primeiros currículos de graduação na área foram inspirados em Projetos Político-Pedagógicos dos cursos de universidades estrangeiras, principalmente portuguesas e brasileiras, tanto na concepção dos planos curriculares quanto na seleção das bibliografias adotadas.

Assim como o Brasil, os países africanos receberam e continuam a receber influências exógenas em seus sistemas de ensino superior. Na África, os norte-americanos tentaram implantar modelos curriculares para padronizar a formação dos jornalistas. As ingerências também vieram do antigo bloco soviético, que viram em Angola e Moçambique a oportunidade de ampliar a base comunista, patrocinando a

formação de muitos jornalistas em países como Cuba e a ex-União Soviética. Formados fora do continente africano, os primeiros angolanos e moçambicanos graduados e pós-graduados em Comunicação Social ou Jornalismo trouxeram na bagagem as experiências que adquiriram em universidades de diferentes partes do mundo, incluindo seus referenciais teóricos.

Se por um lado é nítida a influência de modelos de ensino importados, em relação ao ensino do Jornalismo, a resistência à transposição pura e simples dos modelos de formação exteriores à África resultou em adequações e releituras que fazem das escolas de Jornalismo de Angola e Moçambique singulares em alguns aspectos. Influenciados basicamente pelos mesmos agentes internacionais, os dois países optaram por modelos de formação bastante distintos, imprimindo identidades próprias aos seus currículos.

Em Angola, a formação universitária de jornalistas é predominantemente em Comunicação Social, com forte predominância de disciplinas teóricas que propõem formar profissionais habilitados para atuar em diversas áreas da comunicação e não apenas em empresas jornalísticas. Já nas instituições moçambicanas, os cursos são de Jornalismo e a ênfase é no aprendizado das práticas profissionais (“saber fazer”), caracterizada pelo grande número de ateliês (disciplinas laboratoriais) e disciplinas específicas da área, algumas delas oferecidas já nos semestres iniciais.

Apesar das diferenças na ênfase (teórica ou prática), em linhas gerais, os cursos de Jornalismo de Angola e Moçambique são parecidos com os brasileiros: as estruturas curriculares e os referenciais teóricos são muito próximos daqueles que adotamos nas nossas universidades. A análise das bibliografias que fundamentam disciplinas específicas das áreas da Comunicação e do Jornalismo identificou que, nas escolas de Jornalismo da África de expressão portuguesa, os autores escolhidos são basicamente os mesmos adotados no Brasil, normalmente homens, brancos, com raros casos de teóricos negros.

Em relação às práticas pedagógicas, os modos de dar aulas também se assemelham, assim como o ensino das técnicas jornalísticas. Então, se é tudo tão parecido, o que os países africanos têm a nos ensinar sobre Jornalismo?

Contribuições africanas para a Pedagogia do Jornalismo

Nas escolas de Jornalismo de Angola e Moçambique, ao mesmo tempo em que as análises identificaram influências estrangeiras nos Projetos Pedagógicos dos cursos de graduação, também constaram que as instituições de ensino não acolheram passivamente as estruturas curriculares concebidas externamente, sem que os conteúdos fossem adaptados às realidades de cada escola e aos contextos sociais, políticos e econômicos dos países africanos. A incorporação de formatos e conteúdos provenientes de outras partes do mundo não ocorre de forma plena em nenhum dos dois PALOP.

A primeira contribuição dos PALOP para o campo da Pedagogia do Jornalismo é de ordem epistêmica. Silvério (2013, p. 555) destaca que o continente africano continua sendo “um campo privilegiado de observação no que diz respeito à construção da nação, à formação do Estado, à dependência política, ao desenvolvimento político e à decomposição política”.

Especificamente em relação ao campo teórico do Jornalismo, pesquisadores africanos têm desenvolvido estudos sobre as interfaces e conexões midiáticas entre Brasil e África, que podem incrementar as discussões em torno dos níveis de influência que a mídia exerce em diferentes povos e culturas. Um estudo bastante interessante neste sentido foi realizado pelo pesquisador angolano Orlando Victor Muhongo (2017), que analisou o fenômeno de midiatização transatlântica, a partir da observação do impacto das telenovelas brasileiras nos hábitos e costumes dos luandenses. Os resultados dessa pesquisa, por exemplo, são inéditos para a maioria dos estudantes e professores de Jornalismo do nosso país.

Mesmo com todas as dificuldades para realizarem atividades de pesquisa, jornalistas, professores de Jornalismo e pesquisadores de países como Angola, Moçambique e Cabo Verde têm conseguido produzir obras que abordam temáticas das áreas da Comunicação e do Jornalismo sob a perspectiva africana. Ainda que recebam influências do mundo ocidental, suas leituras dos fenômenos jornalísticos e comunicacionais são feitas a partir de contextos e cenários que nós, brasileiros, de modogeral, pouco conhecemos.

A segunda contribuição dos PALOP para o ensino do Jornalismo é de ordem empírica. Os cursos de Angola e Moçambique incorporaram traços da cultura africana que favorecem a formação dos jornalistas, estabelecendo um vínculo direto entre os saberes tradicionais e o conhecimento produzido no ambiente acadêmico. Uma delas é a tradição oral. Mesmo com toda influência externa que recebem, as diferentes gerações de africanos têm conseguido preservar seu patrimônio cultural, por meio da transmissão oral de suas tradições e costumes.

Em Angola e Moçambique, a cultura oral está presente não apenas nas relações cotidianas como também no ambiente acadêmico. Uma das singularidades do ensino do Jornalismo nos PALOP é a influência que a tradição oral exerce na formação dos futuros jornalistas, que são preparados para que se tornem exímios oradores. A oralidade perpassa diferentes dimensões dos currículos da graduação, presente desde os métodos de ensino, às avaliações e planos curriculares dos cursos de Jornalismo. Neste sentido, em todas as instituições analisadas diversas disciplinas foram criadas no intuito de desenvolver e aprimorar as habilidades orais dos futuros jornalistas.

Outro aspecto a destacar sobre a inserção da cultura africana no currículo dos cursos de Jornalismo é a presença do multilinguismo na graduação. Se nas universidades brasileiras, a diversidade linguística e a problematização em torno da imposição do português como idioma oficial não são questões comumente abordadas nos cursos de graduação em Jornalismo, em Angola e Moçambique, a variedade linguística está presente na matriz curricular, seja na oferta de disciplinas que ensinam as mais faladas línguas nacionais, seja na discussão em torno da imposição da lusofonia nos debates acadêmicos.

Na tese, este autor sugere que uma das possibilidades de enquadramentos teóricos para abordagem do multilinguismo nos cursos brasileiros de Jornalismo é “a discussão sobre o uso político e ideológico da língua portuguesa no processo de construção das identidades nacionais no Brasil e em países da África” (CARVALHO, 2022, p. 403-404). Já Severo e Makoni (2015, p. 90) consideram que “o olhar comparativo entre as diferentes realidades coloniais possibilita compreender tanto as especificidades com as semelhanças entre processos colonizatórios que envolvem a língua portuguesa em diferentes contextos geopolíticos e históricos”.

Outra singularidade dos cursos de Angola e Moçambique é a oferta de disciplinas voltadas para despertar nos alunos uma visão empreendedora do Jornalismo. Nos cursos angolanos, o foco das disciplinas de gestão são as empresas públicas de comunicação, uma vez que todos os órgãos estatais possuem Gabinetes de Comunicação Institucional e Imprensa. Já nos cursos moçambicanos a proposta é incentivar os futuros profissionais a abrirem suas próprias empresas jornalísticas.

Em cinco dos seis cursos analisados, há disciplinas obrigatórias dedicadas à abordagem de questões de empreendedorismo e gestão da própria carreira: *Gestão e Administração dos Media* (UAN), *Princípios de Gestão* (UPRA), *Gestão Estratégica da Comunicação* (ISTA), *Criação, Gestão de Empresas Jornalísticas* (UEM) e *Gestão de Empresas de Comunicação* (UP). A intenção é formar não apenas produtores de conteúdo (repórteres, editores, cinegrafistas), mas também oferecer conhecimentos básicos de gestão para que os egressos tenham condições de abrir o próprio negócio.

A preocupação das escolas de jornalismo africanas com a gestão da carreira jornalística e com a concepção de novos arranjos produtivos na área pode servir de estímulo para os cursos brasileiros, diante de um cenário de profundas transformações no mundo do trabalho dos jornalistas.

Considerações finais

Ao propor analisar as experiências de ensino do Jornalismo no continente africano a pesquisa buscou atingir alguns objetivos específicos. O primeiro deles, demonstrar que, à margem dos pólos hegemônicos reconhecidos e legitimados como produtores de conhecimento, tem havido a construção e o compartilhamento de saberes ainda pouco abordados no ambiente acadêmico brasileiro. Como o estudo conseguiu verificar, apesar das dificuldades para realizarem trabalhos de investigação científica em seus países de origem, pesquisadores africanos têm produzido importantes contribuições teóricas e empíricas para os campos de estudos da Comunicação e do Jornalismo.

Outro objetivo do estudo é apresentar um conjunto de obras e autores africanos de língua portuguesa como sugestão de referencial teórico que possa ser adotado em disciplinas dos cursos de Jornalismo do Brasil. Neste sentido, a tese

disponibiliza um Catálogo de Autores de Angola, Moçambique e Cabo Verde, com alguns contatos de editoras e livrarias que possibilitam a aquisição dos títulos, uma vez que grande parte das obras sobre Comunicação e Jornalismo publicadas por autores dos países africanos de língua portuguesa ainda não é comercializada no Brasil.

Entre os objetivos do estudo também está o de analisar os níveis de influência/ingerência estrangeira nos currículos das Escolas de Jornalismo de Angola e Moçambique. A tese aborda os níveis de influência/ingerência estrangeira nos planos curriculares (aculturação) e como os cursos adaptaram seus formatos e conteúdos aos contextos do campo jornalístico de cada país (resistência). Vimos como aspectos da cultura africana, como a tradição oral e o multilinguismo, foram inseridos nos currículos, imprimindo identidade às propostas formativas. Do mesmo modo, também vimos que, embora as matrizes teóricas adotadas sejam predominantemente exógenas, os PALOP também produzem suas próprias formas de conhecimento sobre Jornalismo, a partir da observação das realidades e especificidades locais.

Por mais que por um lado a “a historiografia moderna tende a ver na África um continente passivo, um receptáculo de influências, bem mais que uma fonte” (SILVÉRIO, 2013, p. 459), por outro há também uma África insurgente, que resiste às imposições culturais: “existe na África uma força mais potente que a experiência colonial: a cultura africana” (p. 550). Nas palavras de Muhongo (2016, p. 33), “nem o potencial bélico, nem a tecnologia, nem a religião, nem a astúcia dos exploradores ocidentais foram capazes de relegar por completo os homens e mulheres africanos à total submissão”.

Na tese que fundamenta o presente artigo, este autor conclui que em cada país africano visitado há pelo menos duas Áfricas: a da aculturação e a da resistência. “A primeira absorve a cultura do mundo, simultaneamente ao apagamento da sua própria memória, assumindo como seu o discurso do colonizador. Mas o colonialismo também fez emergir uma África insurgente, que resiste às diferentes formas de dominação” (CARVALHO, 2022, p. 431). O estudo também conclui que as contribuições dos cursos africanos para a pedagogia do Jornalismo surgem das iniciativas de ressignificações, adaptações e rupturas dos conteúdos e formatos pré-estabelecidos.

Referências

CARVALHO, Edwin dos Santos. **Contribuições Africanas para o Ensino do Jornalismo: As Experiências de Angola e Moçambique**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/247476>. Acesso em: 11 ago. 2022.

MARQUES DE MELO, José. Os desafios da parentela lusófona na geopolítica multipolar (Capítulo 11). In: MARQUES DE MELO, José. **Brasil democrático: comunicação e desenvolvimento**. Brasília: Ipea, 2011.

MEDITSCH, Eduardo (org.). **Pedagogia do Jornalismo: desafios, experiências e inovações / Organizadores: Eduardo Meditsch, Janaine Kronbauer e Juliana Bezerra**. 1. ed. Florianópolis: Editora Insular, 2020.

MUHONGO, Orlando Victor. **Os angolanos que libertaram Mandela: a desconstrução de um mito**. Luanda: Mayamba Editora, 2016.

MUHONGO, Orlando Victor. **O impacto das telenovelas brasileiras nos luandenses**. Luanda: Editora Nefertiti, 2017.

ROSÁRIO, Lourenço do. **Singularidades III**. Maputo: Alcance Editores, 2014.

SEVERO, Cristine G; MAKONI, Sinfree. **Políticas linguísticas Brasil-África: por uma perspectiva crítica**. Florianópolis: Insular, 2015.

SILVA, Calane da. **Kulimando saberes: viagens discursivas pela pedagogia, didáctica, comunicação, antropologia cultural, espiritualidade, língua e literatura**. Maputo: Alcance Editores, 2013.

SILVÉRIO, Valter Roberto (Org). **Síntese da Coleção História Geral da África: Século XVI ao século XX**. Brasília: UNESCO, MEC, Ufscar, 2013.